

Trecho do livro “A Psicanálise Cura?: uma introdução à Teoria Psicanalítica” p. 29-39, ed. Ideias & Letras, 2004. Autor: Roberto Girola. (Publicação em cumprimento à sentença dos autos 1054042-12.2019.8.26.0100, 28ª Vara Cível de São Paulo, SP).

Introdução: O objetivo deste trabalho é focalizar algumas abordagens do conceito de self (ou si-mesmo) e, a partir de uma análise sucinta dos desafios que a formação do self enfrenta hoje, compará-las com a perspectiva da psicanálise winnicottiana. Gostaria de iniciar com um rápido panorama que nos permita identificar diferentes conotações da noção de self, para depois ver em que sentido o self do homem contemporâneo é ameaçado e finalmente analisar a contribuição da abordagem de Winnicott, em sua especificidade. Do ponto de vista filosófico, o conceito de self está de alguma forma relacionado ao conceito de identidade. Charles Taylor traça no livro As fontes do self um panorama abrangente sobre as raízes que levam à construção da identidade moderna. Não caberia na limitação deste trabalho uma análise detalhada desta obra [1]. No entanto, parece-me interessante levantar, a partir das considerações deste autor, um elemento que tem sido considerado por muito tempo como fundante na constituição da identidade humana e que é hoje posto em discussão no contexto cultural contemporâneo. Refiro-me à crise das metanarrativas, para usar uma terminologia empregada pela corrente pós-moderna. Por trás desta crise encontramos uma postura que tende a negar a possibilidade de uma fundamentação da ética no sentido clássico e, portanto, um questionamento sobre a possibilidade de se estabelecer um fundamento para a própria identidade humana. Como observa Taylor, surge uma desconfinança em relação aos grandes ideais, advinda da constatação foucaultiana de que elevados ideais éticos e espirituais costumam entrelaçar-se com exclusões e relações de dominação. Tais narrativas são importantes, pois representam um ponto de referência sobre o qual, por muito tempo, se moldaram as representações ligadas à identidade do homem (sobretudo no Ocidente). O autor constata que foi justamente a sensação de que os hiperbens (ideais supremos) podem sufocar-nos ou oprimi-los, que levou à revolta naturalista contra a religião e a moralidade tradicionais, pouco assim em crise elementos que por muitos séculos foram considerados como fundantes para a identidade humana. Se for verdade que “os mais elevados ideais e aspirações espirituais também ameaçam impor as cargas mais esmagadoras à humanidade” [2] podemos perguntar em que sentido esses cânones envenenados - para usar uma expressão do próprio Taylor - poderiam contribuir, de fora para dentro, para a constituição do self. Ou será que o self só pode ser construído de dentro para fora? Neste caso, como acontece essa construção? Ainda, o self é uma criação essencialmente individual ou esta criação responde de alguma forma, a um roteiro pré-definido, a uma ordem universal de essências? E, poderíamos acrescentar, o self tem algo a ver com o caráter, com a personalidade moral de uma pessoa? Vamos por enquanto deixar em suspenso essas questões, para retorná-las no fim do nosso trabalho. Em Hegel, o conceito de self se funde com aquele de autoconsciência: “a consciência primária encontra a si mesma na autoconsciência (...) seu ponto crítico, onde ela deixa o estado colérico do imediato sensível, sai do vazio escuro do supra-sensível transcendente e remonta, e entra para a luz diurna espiritual do presente” (Fenomenologia do Espírito)[3]. Para William James o self se desdobra, sendo em parte objeto e em parte sujeito. “o meu self total, como se fosse duplo, em parte consciente e em parte cognoscente [sic], deverá ter dois aspectos distintos que (...) podemos chamar um mim (me) e o outro eu (I)”(Compêndio de Psicologia)[4] Estas primeiras definições nos mostram o self como a função psíquica que permite ao indivíduo de se dobrar sobre si mesmo, favorecendo a consciência de si mesmo, um conceito que, embora não seja usado aqui no sentido estritamente freudiano, de certa maneira, pode ser aproximado ao conceito de ego. Norbert Wiley apresenta no seu livro O self semiótico, uma concepção mais sofisticada.[5] Desenvolvendo conceitos já abordados por C. S. Peirce e G. H. Mead, ele chega à conclusão que o self combina “as triades temporal, semiótica e dialógica”. Isto quer dizer que o self, no plano dialógico, se desdobra num eu que dialoga consigo mesmo (você), e que tem como referência um mim. No plano temporal, o self representa uma mediação em que essas três conotações se relacionam respectivamente no presente, no futuro e no passado. No plano interpretativo, o self se desdobra no signo, no intérprete e no objeto, três dimensões semióticas que se relacionam (respectivamente) com as outras. Os seres humanos são uma tríade de triades e, além disso, as três se fundem em uma só. Enquanto fundadas, irei referir-me a elas, de uma maneira dialógica abreviada, como eu, você, mim, embora os nomes mais precisos sejam eu-presente-signo, você-futuro-intérprete e mim-passado-objeto. Os seres humanos não são nenhum dos três (ou nove). São os três juntos, incluindo tanto os elementos como as relações entre esses elementos. Os homens consistem em presente, futuro e passado; signo, intérprete e oeu; eu, você, mim; e todas as sobreposições, e capacidade de conexão, e solidariedade entre esses elementos.[6] Citei este autor porque introduz o conceito de self que atua como elemento que integra várias instâncias do ser humano. No plano da estrutura temporal humana, ele integra o passado o presente e o futuro, uma dimensão particularmente interessante para as considerações que serão feitas a seguir. Da mesma forma, a introdução do self como estrutura semiótica é interessante porque projeta as atividades do self no campo simbólico, um campo que, como sabemos, é importante para a Psicanálise. Por sua vez, a estrutura dialógica do self, introduz um diálogo interno entre diferentes instâncias da psique. Isto não somente permite o desdobramento do eu sobre si mesmo, mas também introduz uma instância do eu, o mim, que garante a continuidade objetiva, representando, em sua rigidez de objeto, um referencial crucial superegoico, para usar uma terminologia psicanalítica. **O conceito de self na Psicologia Analítica de Jung** [7] Na Psicologia Analítica o termo indica o conjunto dos fenômenos psíquicos de um indivíduo. Por um lado o self integra os objetos da experiência, percebidos pela consciência, com os fatores que ainda permanecem inconscientes. Jung, no decorrer de sua obra, dá várias definições de self. Pien si agrupa em doze categorias.[8] Si-mesmo como lei moral do indivíduo. Neste sentido, se contrapõe ao superego, que Jung define como lei geral. [9] O ego pode estar em conflito tanto com o superego como com o self. O conflito do ego com a lei moral do si mesmo gera um senso de inferioridade, que si-mesmo tende a compensar na sua constante busca de equilíbrio, que resulta numa ampliação da personalidade, mediante a inclusão dos elementos inconscientes. Para Jung a consciência moral e a consciência de si são equivalentes e estão à base do processo de individuação e, portanto, do processo da análise. Criticando o intuito adaptativo à realidade cultural da psicanálise freudiana, Jung afirma que, por trás do homem, não temos a lei moral e tampouco a opinião pública, mas uma individualidade da qual ele é ainda inconsciente. Este substrato inconsciente é justamente o self, do qual o ego é o expoente na consciência. O ego se relaciona ao si-mesmo como o objeto ao sujeito. “como o inconsciente, o si-mesmo é e ser a priori do qual emana o eu” (p. 653). “Enquanto inconsciente o si-mesmo corresponde ao superego freudiano” (p. 653), mas, uma vez liberado das projeções, ele deixa de coincidir com as opiniões dos outros e nos põe em contato com nosso verdadeiro eu. Neste sentido, afirma Jung, “o si-mesmo opera como um opo-positum [junção dos opostos], dando lugar à mais direta experiência do divino psicologicamente concebível” (p. 653). O si-mesmo, o como estado psíquico, resulta na alienação de si, na realização de si ou, paradoxalmente, na renúncia de si (que supõe, porém, a aceitação de si). O si-mesmo relacionado com o processo psíquico, resulta num conceito que se entrelaça com o anterior, no âmbito da gradual diferenciação das funções psíquicas. O si-mesmo como um objetivo: nesta acepção, o self indica aquilo que o indivíduo é realmente, em oposição ao conceito de persona, ou seja, ao seu papel social (a persona é uma espécie de máscara que o indivíduo veste para se relacionar com o contexto social). O si-mesmo como fator subjetivo, regido pela autonomia si-mesmo/mundo, torna possível a consciência da realidade sujeito/objeto, que supõe uma polarização e o afastamento do inconsciente. Neste sentido o self constitui a consciência do sujeito, que se contrapõe ao eu. A verdadeira tarefa da terapia é ajudar o eu a encontrar o si-mesmo. O si-mesmo como uma estrutura psíquica totalizante proporciona a integração de todo o psiquismo, permitindo a passagem da fragmentação para a unidade. 8. O si-mesmo relacionado ao inconsciente coletivo. Apesar de representar a essência da individualidade, o self, por estar vinculado ao inconsciente, é também relacionado à construção do universal, do coletivo. Nos sonhos, em particular, o si-mesmo entra em contato com o inconsciente coletivo, que é a base do inconsciente individual e, portanto, do próprio self. O si-mesmo como relação homem/mundo é o resultado da integração daquilo que é interno com aquilo que é externo e, ao mesmo tempo, daquilo que é consciente com aquilo que é inconsciente, sendo, portanto, “a meta da vida”. O si-mesmo como diferenciação originária é relacionado com a diferenciação originária entre sujeito e objeto. O si-mesmo e a integração psíquica. Em oposição ao fenômeno de cisão psíquica, o self está por trás do processo que integra os elementos conscientes e inconscientes do psiquismo humano, no plano do conhecimento e da ação. O si-mesmo como unidade de objetos não é uma das instâncias da mente” [16]. Não fica claro, contudo, como o self, sem ser um constituinte do aparelho mental possa se tornar um organizador das atividades mentais, como o autor afirma mais adiante [17] Ao self são atribuídas as representações de si. Como observam Gedo e Goldberg, [18] trata-se de uma organização psíquica permanente que exerce uma influência dinâmica sobre o comportamento, como já foi apontado por Kohut. Tais representações constituem um sistema de lembranças que não podem ser confundidas apenas com simples conteúdos mentais, e também não são simples percepções registradas na memória (relação com o passado), mas, “em virtude de seus duráveis efeitos dinâmicos”, devem ser compreendidas como uma realidade concreta, a personalidade organizada como um todo.[19] A noção de self, portanto não pode ser confundida em Psicanálise com a noção de ego, que é um conceito estrutural do aparato psíquico ligado à segunda teoria freudiana, cuja função é mediar as exigências do id, do superego e da realidade.[20] **O self ameaçado:** Em sua análise sobre os fenômenos culturais e estéticos que caracterizam a “condição pós-moderna”, David Harvey,[21] observa que eles dependem da maneira mutável como tempo e espaço são percebidos, no fluxo da experiência humana. Levando em conta que esta é uma dimensão que se relaciona a uma função importante do self, como foi observado acima, parece-me importante analisar mais de perto as observações deste autor. O que caracteriza a nossa época, na opinião de Harvey, é uma compressão da noção de tempo-espaço, que ele relaciona com a tendência à superacumulação de bens e a uma aceleração do consumo iniciada no final dos anos 60. Para o homem contemporâneo, em poucas décadas, o tempo se encurtou e o espaço se estreitou. Ao lado de uma crescente concentração financeira, ocorreu uma deslocalização dos centros de produção, acompanhada por uma nova concepção que tende a reduzir os tempos de giro em vários setores da produção.[22] Isto isso levou a “uma intensificação dos processos de trabalho e uma aceleração na desqualificação e requalificação necessárias ao atendimento das novas necessidades do trabalho” [23] Paralelamente, a aceleração na produção levou à aceleração na troca e no consumo de bens, aumentando consideravelmente a velocidade de circulação das mercadorias. Tudo hoje tende a acontecer on-line, as distâncias se encurtam, os tempos se reduzem cada vez mais. Por outro lado, observa Harvey, esta aceleração influencia de maneira determinante a maneira de pensar, ser e agir do homem contemporâneo. “A primeira consequência importante foi acentuar a volatilidade e efemeridade de modas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, idéias e ideologias, valores e práticas estabelecidas”. Um primeiro sentimento, portanto, invade o homem moderno, a difusa sensação de que tudo é volátil, efêmero e, pior ainda, descartável. Esta sensação é ainda mais intensa se observarmos o mercado financeiro, cada vez mais dominado por capitais fictícios numa tirania que resiste ao discurso onipotente dos economistas e traz cada vez mais à tona uma sensação de profundo alarotamento sobre a qual parece repousar a economia mundial. Harvey dedica a este análise o último capítulo de seu livro, cujas conclusões não vêm a tempo de caso. Ligado a este fenômeno, observa Harvey, temos, por outro lado, a manipulação do gosto e da opinião, numa verdadeira manipulação do desejo, acompanhada por uma aceleração na produção dos signos, que alimenta a insaciável indústria cultural.[24] Como já examinei com mais profundidade num outro trabalho, [25] ao lado da inflação de signos, temos um esvaziamento de significados, pois o símbolo tem cada vez menos a função de remeter a um significado e passa a ter muito mais um foco em si mesmo, adquirindo valor de simulacro e impondo, aos poucos, uma verdadeira ditadura do significante e uma sensação geral de vazio [26] Trata-se de uma situação que, como aponta Jameson, se referando ao conceito laciano de esquizofrenia como desordem linguística, representa uma “esquizofrenia na forma de um agregado de significantes distintos e não relacionado entre si” [27] Seus efeitos psíquicos são desastrosos, pois, se a identidade pessoal supõe “uma unificação temporal do passado e do futuro com o presente que tenho dentro de mim”, o esvaziamento do discurso remete a uma incapacidade de “unificar o passado, o presente e o futuro da nossa própria experiência biográfica ou vida psíquica” [28] Com o colapso da cadeia significativa, a experiência se reduz a “uma série de presentes puros, não relacionados no tempo” [29] Como observam Deleuze e Guattary, “nossa sociedade produz esquizofrênicos da mesma forma que produz o xampu Prell ou os carros Ford, com a única diferença de que os esquizofrênicos não são vendáveis” [30] As novas Tecnologias da Informação (TI), por sua vez, trouxeram um cenário completamente novo, fascinante e ameaçador. Numa recente entrevista concedida à revista Veja, o psicólogo americano Larry Rosen, considerado um especialista no estudo da relação do homem com a tecnologia, faz algumas considerações interessantes.[31] Ele observa: que nunca as pessoas tiveram acesso a tanta informação. De acordo com as estatísticas, o volume de informações disponíveis dobra a cada 72 dias. Tudo isso gera uma situação de estresse. De certa forma, as observações de Rosen remetem à compressão da noção de tempo-espaço de Harvey, quando observa que a velocidade da tecnologia está alterando a nossa percepção do tempo e nos leva a viver num constante estado de alerta, que gera ansiedade e nervosismo, uma situação psíquica que ele caracteriza como tecnostress. De acordo com Rosen, os limites entre trabalho e lazer tornam-se cada vez menos claros. Ocorre, eu diria, uma quebra de barreira entre interioridade e exterioridade. Os objetos do mundo externo são percebidos cada vez mais como invasivos. Ao mesmo tempo, o homem moderno torna-se cada vez mais dependente da tecnologia, gerando uma situação neurótica, que Rosen chama de tecnose. A doença do self, um desafio para a atual clínica psicanalítica Na linha psicanalítica, Gilberto Safrá faz uma interessante análise das repercussões da cultura contemporânea sobre o psiquismo [32] Para este autor, o mundo atual apresenta problemas e situações que levam o ser humano a adoecer em sua possibilidade de ser, levando-o a viver fragmentado, descentrado de si mesmo, impossibilitado de encontrar, na cultura, os elementos e o amparo necessários para superar suas dificuldades psíquicas. De acordo com sua experiência clínica, no consultório as queixas mais frequentes seriam referidas “à vivência de inutilidade, de falta de sentido na vida, de vazio existencial, de morte em vida” [33] Para uma psicanálise acostumada à escuta do desejo, que aflora nos sonhos e se faz presente nos sintomas, no discurso, através dos mecanismos de recalque, deslocamento e condensação, surge um novo desafio: o paciente que nem mesmo se constituiriam em sua possibilidade de desejar. Com tais pacientes, observa Safrá, é necessário “constituir os aspectos fundamentais do self, que até então ficaram sem realização” [34] E continua: “Mais do que um processo de des-freudamento [sic] das produções do paciente, há uma apresentação do self em gesto e em formas imagéticas (formas sensoriais) [em nota o autor esclarece tratar-se de imagens sonoras, visuais, gustativas, tácteis] sustentadas pela relação transferencial, na qual o indivíduo se constitui e se significa frente ao outro” [35] Como observa Safrá, percebe-se em tais pacientes uma “fome de amor”, de uma experiência do si-mesmo que possibilite o surgir da subjetividade humana. **A emergência do self na perspectiva psicanalítica de Winnicott:** Como veremos a seguir, Winnicott, ao analisar o desenvolvimento primitivo do bebê, considera fundamental o encontro entre o mundo interno do bebê e o mundo externo, mediado pela figura materna, num contexto que ele denomina de ilusão. O fenômeno da ilusão faz com que a criatividade originária do bebê (ou do paciente) coincida com a percepção objetiva, num encontro entre objeto da realidade e objeto subjetivo. Safrá denomina esta experiência como uma situação de qualidade estética, através da qual “o indivíduo cria umas formas imagéticas, sensoriais, que veiculam sensações de agrado, encanto, temor, horror, etc...” [36] Na presença de um outro significativo (figura materna ou analista), essa experiência faz com que o self se constitua, permitindo que a pessoa possa existir no mundo. Para que o eu possa se constituir e se tornar apto ao encontro com o não eu (mundo externo), é necessária a mediação de uma mãe suficientemente boa, capaz de oferecer o mundo externo ao bebê, na medida em que o bebê se torna capaz de contê-lo, ou melhor, para usarmos a terminologia winnicottiana, de criá-lo. O bebê nasce, na concepção winnicottiana, com uma estrutura sólida que é pura potencialidade, uma tendência à integração, mas para que essa tendência se realize é fundamental a presença de um ambiente favorável.[37] Em “Desenvolvimento emocional primitivo” (1945), Winnicott se pergunta em que época começa a ocorrer coisas importantes para a formação do bebê. Embora não descartar a possibilidade que existam fatores importantes desde a concepção do bebê, ele acredita que, de fato, podemos inferir a primeira experiência importante somente a partir do nascimento, considerando as diferenças existentes entre bebês prematuros e bebês pós-maturos. “É ao final dos nove meses de gestação, [que] o bebê se torna maduro para o desenvolvimento emocional”.[38] O desenvolvimento primitivo do bebê, na fase inicial, até os cinco meses, “é vitalmente importante: (...) já se encontra o esclarecimento na psicopatologia da psicose” [39] Inicialmente, o ser humano parte de um estado de não integração (no integration): não conhece o ambiente, não tem noção de tempo e espaço e não tem a noção do eu.[40] Trata-se de uma “capacidade inata que todo ser humano tem de se tornar não-integrado, despersonalizado e desorientado, observa Harvey, em termos, por outro lado, a manipulação do gosto e da opinião, numa verdadeira manipulação do desejo, que aflora nos sonhos e se faz presente nos sintomas, no discurso, através dos mecanismos de recalque, deslocamento e condensação, surge um novo desafio: o paciente que nem mesmo se constituiriam em sua possibilidade de desejar. Com tais pacientes, observa Safrá, é necessário “constituir os aspectos fundamentais do self, que até então ficaram sem realização” [34] E continua: “Mais do que um processo de des-freudamento [sic] das produções do paciente, há uma apresentação do self em gesto e em formas imagéticas (formas sensoriais) [em nota o autor esclarece tratar-se de imagens sonoras, visuais, gustativas, tácteis] sustentadas pela relação transferencial, na qual o indivíduo se constitui e se significa frente ao outro” [35] Como observa Safrá, percebe-se em tais pacientes uma “fome de amor”, de uma experiência do si-mesmo que possibilite o surgir da subjetividade humana. **A emergência do self na perspectiva psicanalítica de Winnicott:** Como veremos a seguir, Winnicott, ao analisar o desenvolvimento primitivo do bebê, considera fundamental o encontro entre o mundo interno do bebê e o mundo externo, mediado pela figura materna, num contexto que ele denomina de ilusão. O fenômeno da ilusão faz com que a criatividade originária do bebê (ou do paciente) coincida com a percepção objetiva, num encontro entre objeto da realidade e objeto subjetivo. Safrá denomina esta experiência como uma situação de qualidade estética, através da qual “o indivíduo cria umas formas imagéticas, sensoriais, que veiculam sensações de agrado, encanto, temor, horror, etc...” [36] Na presença de um outro significativo (figura materna ou analista), essa experiência faz com que o self se constitua, permitindo que a pessoa possa existir no mundo. Para que o eu possa se constituir e se tornar apto ao encontro com o não eu (mundo externo), é necessária a mediação de uma mãe suficientemente boa, capaz de oferecer o mundo externo ao bebê, na medida em que o bebê se torna capaz de contê-lo, ou melhor, para usarmos a terminologia winnicottiana, de criá-lo. O bebê nasce, na concepção winnicottiana, com uma estrutura sólida que é pura potencialidade, uma tendência à integração, mas para que essa tendência se realize é fundamental a presença de um ambiente favorável.[37] Em “Desenvolvimento emocional primitivo” (1945), Winnicott se pergunta em que época começa a ocorrer coisas importantes para a formação do bebê. Embora não descartar a possibilidade que existam fatores importantes desde a concepção do bebê, ele acredita que, de fato, podemos inferir a primeira experiência importante somente a partir do nascimento, considerando as diferenças existentes entre bebês prematuros e bebês pós-maturos. “É ao final dos nove meses de gestação, [que] o bebê se torna maduro para o desenvolvimento emocional”.[38] O desenvolvimento primitivo do bebê, na fase inicial, até os cinco meses, “é vitalmente importante: (...) já se encontra o esclarecimento na psicopatologia da psicose” [39] Inicialmente, o ser humano parte de um estado de não integração (no integration): não conhece o ambiente, não tem noção de tempo e espaço e não tem a noção do eu.[40] Trata-se de uma “capacidade inata que todo ser humano tem de se tornar não-integrado, despersonalizado e desorientado, observa Harvey, em termos, por outro lado, a manipulação do gosto e da opinião, numa verdadeira manipulação do desejo, que aflora nos sonhos e se faz presente nos sintomas, no discurso, através dos mecanismos de recalque, deslocamento e condensação, surge um novo desafio: o paciente que nem mesmo se constituiriam em sua possibilidade de desejar. Com tais pacientes, observa Safrá, é necessário “constituir os aspectos fundamentais do self, que até então ficaram sem realização” [34] E continua: “Mais do que um processo de des-freudamento [sic] das produções do paciente, há uma apresentação do self em gesto e em formas imagéticas (formas sensoriais) [em nota o autor esclarece tratar-se de imagens sonoras, visuais, gustativas, tácteis] sustentadas pela relação transferencial, na qual o indivíduo se constitui e se significa frente ao outro” [35] Como observa Safrá, percebe-se em tais pacientes uma “fome de amor”, de uma experiência do si-mesmo que possibilite o surgir da subjetividade humana. **A emergência do self na perspectiva psicanalítica de Winnicott:** Como veremos a seguir, Winnicott, ao analisar o desenvolvimento primitivo do bebê, considera fundamental o encontro entre o mundo interno do bebê e o mundo externo, mediado pela figura materna, num contexto que ele denomina de ilusão. O fenômeno da ilusão faz com que a criatividade originária do bebê (ou do paciente) coincida com a percepção objetiva, num encontro entre objeto da realidade e objeto subjetivo. Safrá denomina esta experiência como uma situação de qualidade estética, através da qual “o indivíduo cria umas formas imagéticas, sensoriais, que veiculam sensações de agrado, encanto, temor, horror, etc...” [36] Na presença de um outro significativo (figura materna ou analista), essa experiência faz com que o self se constitua, permitindo que a pessoa possa existir no mundo. Para que o eu possa se constituir e se tornar apto ao encontro com o não eu (mundo externo), é necessária a mediação de uma mãe suficientemente boa, capaz de oferecer o mundo externo ao bebê, na medida em que o bebê se torna capaz de contê-lo, ou melhor, para usarmos a terminologia winnicottiana, de criá-lo. O bebê nasce, na concepção winnicottiana, com uma estrutura sólida que é pura potencialidade, uma tendência à integração, mas para que essa tendência se realize é fundamental a presença de um ambiente favorável.[37] Em “Desenvolvimento emocional primitivo” (1945), Winnicott se pergunta em que época começa a ocorrer coisas importantes para a formação do bebê. Embora não descartar a possibilidade que existam fatores importantes desde a concepção do bebê, ele acredita que, de fato, podemos inferir a primeira experiência importante somente a partir do nascimento, considerando as diferenças existentes entre bebês prematuros e bebês pós-maturos. “É ao final dos nove meses de gestação, [que] o bebê se torna maduro para o desenvolvimento emocional”.[38] O desenvolvimento primitivo do bebê, na fase inicial, até os cinco meses, “é vitalmente importante: (...) já se encontra o esclarecimento na psicopatologia da psicose” [39] Inicialmente, o ser humano parte de um estado de não integração (no integration): não conhece o ambiente, não tem noção de tempo e espaço e não tem a noção do eu.[40] Trata-se de uma “capacidade inata que todo ser humano tem de se tornar não-integrado, despersonalizado e desorientado, observa Harvey, em termos, por outro lado, a manipulação do gosto e da opinião, numa verdadeira manipulação do desejo, que aflora nos sonhos e se faz presente nos sintomas, no discurso, através dos mecanismos de recalque, deslocamento e condensação, surge um novo desafio: o paciente que nem mesmo se constituiriam em sua possibilidade de desejar. Com tais pacientes, observa Safrá, é necessário “constituir os aspectos fundamentais do self, que até então ficaram sem realização” [34] E continua: “Mais do que um processo de des-freudamento [sic] das produções do paciente, há uma apresentação do self em gesto e em formas imagéticas (formas sensoriais) [em nota o autor esclarece tratar-se de imagens sonoras, visuais, gustativas, tácteis] sustentadas pela relação transferencial, na qual o indivíduo se constitui e se significa frente ao outro” [35] Como observa Safrá, percebe-se em tais pacientes uma “fome de amor”, de uma experiência do si-mesmo que possibilite o surgir da subjetividade humana. **A emergência do self na perspectiva psicanalítica de Winnicott:** Como veremos a seguir, Winnicott, ao analisar o desenvolvimento primitivo do bebê, considera fundamental o encontro entre o mundo interno do bebê e o mundo externo, mediado pela figura materna, num contexto que ele denomina de ilusão. O fenômeno da ilusão faz com que a criatividade originária do bebê (ou do paciente) coincida com a percepção objetiva, num encontro entre objeto da realidade e objeto subjetivo. Safrá denomina esta experiência como uma situação de qualidade estética, através da qual “o indivíduo cria umas formas imagéticas, sensoriais, que veiculam sensações de agrado, encanto, temor, horror, etc...” [36] Na presença de um outro significativo (figura materna ou analista), essa experiência faz com que o self se constitua, permitindo que a pessoa possa existir no mundo. Para que o eu possa se constituir e se tornar apto ao encontro com o não eu (mundo externo), é necessária a mediação de uma mãe suficientemente boa, capaz de oferecer o mundo externo ao bebê, na medida em que o bebê se torna capaz de contê-lo, ou melhor, para usarmos a terminologia winnicottiana, de criá-lo. O bebê nasce, na concepção winnicottiana, com uma estrutura sólida que é pura potencialidade, uma tendência à integração, mas para que essa tendência se realize é fundamental a presença de um ambiente favorável.[37] Em “Desenvolvimento emocional primitivo” (1945), Winnicott se pergunta em que época começa a ocorrer coisas importantes para a formação do bebê. Embora não descartar a possibilidade que existam fatores importantes desde a concepção do bebê, ele acredita que, de fato, podemos inferir a primeira experiência importante somente a partir do nascimento, considerando as diferenças existentes entre bebês prematuros e bebês pós-maturos. “É ao final dos nove meses de gestação, [que] o bebê se torna maduro para o desenvolvimento emocional”.[38] O desenvolvimento primitivo do bebê, na fase inicial, até os cinco meses, “é vitalmente importante: (...) já se encontra o esclarecimento na psicopatologia da psicose” [39] Inicialmente, o ser humano parte de um estado de não integração (no integration): não conhece o ambiente, não tem noção de tempo e espaço e não tem a noção do eu.[40] Trata-se de uma “capacidade inata que todo ser humano tem de se tornar não-integrado, despersonalizado e desorientado, observa Harvey, em termos, por outro lado, a manipulação do gosto e da opinião, numa verdadeira manipulação do desejo, que aflora nos sonhos e se faz presente nos sintomas, no discurso, através dos mecanismos de recalque, deslocamento e condensação, surge um novo desafio: o paciente que nem mesmo se constituiriam em sua possibilidade de desejar. Com tais pacientes, observa Safrá, é necessário “constituir os aspectos fundamentais do self, que até então ficaram sem realização” [34] E continua: “Mais do que um processo de des-freudamento [sic] das produções do paciente, há uma apresentação do self em gesto e em formas imagéticas (formas sensoriais) [em nota o autor esclarece tratar-se de imagens sonoras, visuais, gustativas, tácteis] sustentadas pela relação transferencial, na qual o indivíduo se constitui e se significa frente ao outro” [35] Como observa Safrá, percebe-se em tais pacientes uma “fome de amor”, de uma experiência do si-mesmo que possibilite o surgir da subjetividade humana. **A emergência do self na perspectiva psicanalítica de Winnicott:** Como veremos a seguir, Winnicott, ao analisar o desenvolvimento primitivo do bebê, considera fundamental o encontro entre o mundo interno do bebê e o mundo externo, mediado pela figura materna, num contexto que ele denomina de ilusão. O fenômeno da ilusão faz com que a criatividade originária do bebê (ou do paciente) coincida com a percepção objetiva, num encontro entre objeto da realidade e objeto subjetivo. Safrá denomina esta experiência como uma situação de qualidade estética, através da qual “o indivíduo cria umas formas imagéticas, sensoriais, que veiculam sensações de agrado, encanto, temor, horror, etc...” [36] Na presença de um outro significativo (figura materna ou analista), essa experiência faz com que o self se constitua, permitindo que a pessoa possa existir no mundo. Para que o eu possa se constituir e se tornar apto ao encontro com o não eu (mundo externo), é necessária a mediação de uma mãe suficientemente boa, capaz de oferecer o mundo externo ao bebê, na medida em que o bebê se torna capaz de contê-lo, ou melhor, para usarmos a terminologia winnicottiana, de criá-lo. O bebê nasce, na concepção winnicottiana, com uma estrutura sólida que é pura potencialidade, uma tendência à integração, mas para que essa tendência se realize é fundamental a presença de um ambiente favorável.[37] Em “Desenvolvimento emocional primitivo” (1945), Winnicott se pergunta em que época começa a ocorrer coisas importantes para a formação do bebê. Embora não descartar a possibilidade que existam fatores importantes desde a concepção do bebê, ele acredita que, de fato, podemos inferir a primeira experiência importante somente a partir do nascimento, considerando as diferenças existentes entre bebês prematuros e bebês pós-maturos. “É ao final dos nove meses de gestação, [que] o bebê se torna maduro para o desenvolvimento emocional”.[38] O desenvolvimento primitivo do bebê, na fase inicial, até os cinco meses, “é vitalmente importante: (...) já se encontra o esclarecimento na psicopatologia da psicose” [39] Inicialmente, o ser humano parte de um estado de não integração (no integration): não conhece o ambiente, não tem noção de tempo e espaço e não tem a noção do eu.[40] Trata-se de uma “capacidade inata que todo ser humano tem de se tornar não-integrado, despersonalizado e desorientado, observa Harvey, em termos, por outro lado, a manipulação do gosto e da opinião, numa verdadeira manipulação do desejo, que aflora nos sonhos e se faz presente nos sintomas, no discurso, através dos mecanismos de recalque, deslocamento e condensação, surge um novo desafio: o paciente que nem mesmo se constituiriam em sua possibilidade de desejar. Com tais pacientes, observa Safrá, é necessário “constituir os aspectos fundamentais do self, que até então ficaram sem realização” [34] E continua: “Mais do que um processo de des-freudamento [sic] das produções do paciente, há uma apresentação do self em gesto e em formas imagéticas (formas sensoriais) [em nota o autor esclarece tratar-se de imagens sonoras, visuais, gustativas, tácteis] sustentadas pela relação transferencial, na qual o indivíduo se constitui e se significa frente ao outro” [35] Como observa Safrá, percebe-se em tais pacientes uma “fome de amor”, de uma experiência do si-mesmo que possibilite o surgir da subjetividade humana. **A emergência do self na perspectiva psicanalítica de Winnicott:** Como veremos a seguir, Winnicott, ao analisar o desenvolvimento primitivo do bebê, considera fundamental o encontro entre o mundo interno do bebê e o mundo externo, mediado pela figura materna, num contexto que ele denomina de ilusão. O fenômeno da ilusão faz com que a criatividade originária do bebê (ou do paciente) coincida com a percepção objetiva, num encontro entre objeto da realidade e objeto subjetivo. Safrá denomina esta experiência como uma situação de qualidade estética, através da qual “o indivíduo cria umas formas imagéticas, sensoriais, que veiculam sensações de agrado, encanto, temor, horror, etc...” [36] Na presença de um outro significativo (figura materna ou analista), essa experiência faz com que o self se constitua, permitindo que a pessoa possa existir no mundo. Para que o eu possa se constituir e se tornar apto ao encontro com o não eu (mundo externo), é necessária a mediação de uma mãe suficientemente boa, capaz de oferecer o mundo externo ao bebê, na medida em que o bebê se torna capaz de contê-lo, ou melhor, para usarmos a terminologia winnicottiana, de criá-lo. O bebê nasce, na concepção winnicottiana, com uma estrutura sólida que é pura potencialidade, uma tendência à integração, mas para que essa tendência se realize é fundamental a presença de um ambiente favorável.[37] Em “Desenvolvimento emocional primitivo” (1945), Winnicott se pergunta em que época começa a ocorrer coisas importantes para a formação do bebê. Embora não descartar a possibilidade que existam fatores importantes desde a concepção do bebê, ele acredita que, de fato, podemos inferir a primeira experiência importante somente a partir do nascimento, considerando as diferenças existentes entre bebês prematuros e bebês pós-maturos. “É ao final dos nove meses de gestação, [que] o bebê se torna maduro para o desenvolvimento emocional”.[38] O desenvolvimento primitivo do bebê, na fase inicial, até os cinco meses, “é vitalmente importante: (...) já se encontra o esclarecimento na psicopatologia da psicose” [39] Inicialmente, o ser humano parte de um estado de não integração (no integration): não conhece o ambiente, não tem noção de tempo e espaço e não tem a noção do eu.[40] Trata-se de uma “capacidade inata que todo ser humano tem de se tornar não-integrado, despersonalizado e desorientado, observa Harvey, em termos, por outro lado, a manipulação do gosto e da opinião, numa verdadeira manipulação do desejo, que aflora nos sonhos e se faz presente nos sintomas, no discurso, através dos mecanismos de recalque, deslocamento e condensação, surge um novo desafio: o paciente que nem mesmo se constituiriam em sua possibilidade de desejar. Com tais pacientes, observa Safrá, é necessário “constituir os aspectos fundamentais do self, que até então ficaram sem realização” [34] E continua: “Mais do que um processo de des-freudamento [sic] das produções do paciente, há uma apresentação do self em gesto e em formas imagéticas (formas sensoriais) [em nota o autor esclarece tratar-se de imagens sonoras, visuais, gustativas, tácteis] sustentadas pela relação transferencial, na qual o indivíduo se constitui e se significa frente ao outro” [35] Como observa Safrá, percebe-se em tais pacientes uma “fome de amor”, de uma experiência do si-mesmo que possibilite o surgir da subjetividade humana. **A emergência do self na perspectiva psicanalítica de Winnicott:** Como veremos a seguir, Winnicott, ao analisar o desenvolvimento primitivo do bebê, considera fundamental o encontro entre o mundo interno do bebê e o mundo externo, mediado pela figura materna, num contexto que ele denomina de ilusão. O fenômeno da ilusão faz com que a criatividade originária do bebê (ou do paciente) coincida com a percepção objetiva, num encontro entre objeto da realidade e objeto subjetivo. Safrá denomina esta experiência como uma situação de qualidade estética, através da qual “o indivíduo cria umas formas imagéticas, sensoriais, que veiculam sensações de agrado, encanto, temor, horror, etc...” [36] Na presença de um outro significativo (figura materna ou analista), essa experiência faz com que o self se constitua, permitindo que a pessoa possa existir no mundo. Para que o eu possa se constituir e se tornar apto ao encontro com o não eu (mundo externo), é necessária a mediação de uma mãe suficientemente boa, capaz de oferecer o mundo externo ao bebê, na medida em que o bebê se torna capaz de contê-lo, ou melhor, para usarmos a terminologia winnicottiana, de criá-lo. O bebê nasce, na concepção winnicottiana, com uma estrutura sólida que é pura potencialidade, uma tendência à integração, mas para que essa tendência se realize é fundamental a presença de um ambiente favorável.[37] Em “Desenvolvimento emocional primitivo” (1945), Winnicott se pergunta em que época começa a ocorrer coisas importantes para a formação do bebê. Embora não descartar a possibilidade que existam fatores importantes desde a concepção do bebê, ele acredita que, de fato, podemos inferir a primeira experiência importante somente a partir do nascimento, considerando as diferenças existentes entre bebês prematuros e bebês pós-maturos. “É ao final dos nove meses de gestação, [que] o bebê se torna maduro para o desenvolvimento emocional”.[38] O desenvolvimento primitivo do bebê, na fase inicial, até os cinco meses, “é vitalmente importante: (...) já se encontra o esclarecimento na psicopatologia da psicose” [39] Inicialmente, o ser humano parte de um estado de não integração (no integration): não conhece o ambiente, não tem noção de tempo e espaço e não tem a noção do eu.[40] Trata-se de uma “capacidade inata que todo ser humano tem de se tornar não-integrado, despersonalizado e desorientado, observa Harvey, em termos, por outro lado, a manipulação do gosto e da opinião, numa verdadeira manipulação do desejo, que aflora nos sonhos e se faz presente nos sintomas, no discurso, através dos mecanismos de recalque, deslocamento e condensação, surge um novo desafio: o paciente que nem mesmo se constituiriam em sua possibilidade de desejar. Com tais pacientes, observa Safrá, é necessário “constituir os aspectos fundamentais do self, que até então ficaram sem realização” [34] E continua: “Mais do que um processo de des-freudamento [sic] das produções do paciente, há uma apresentação do self em gesto e em formas imagéticas (formas sensoriais) [em nota o autor esclarece tratar-se de imagens sonoras, visuais, gustativas, tácteis] sustentadas pela relação transferencial, na qual o indivíduo se constitui e se significa frente ao outro” [35] Como observa Safrá, percebe-se em tais pacientes uma “fome de amor”, de uma experiência do si-mesmo que possibilite o surgir da subjetividade humana. **A emergência do self na perspectiva psicanalítica de Winnicott:** Como veremos a seguir, Winnicott, ao analisar o desenvolvimento primitivo do bebê, considera fundamental o encontro entre o mundo interno do bebê e o mundo externo, mediado pela figura materna, num contexto que ele denomina de ilusão. O fenômeno da ilusão faz com que a criatividade originária do bebê (ou do paciente) coincida com a percepção objetiva, num encontro entre objeto da realidade e objeto subjetivo. Safrá denomina esta experiência como uma situação de qualidade estética, através da qual “o indivíduo cria umas formas imagéticas, sensoriais, que veiculam sensações de agrado, encanto, temor, horror, etc...” [36] Na presença de um outro significativo (figura materna ou analista), essa experiência faz com que o self se constitua, permitindo que a pessoa possa existir no mundo. Para que o eu possa se constituir e se tornar apto ao encontro com o não eu (mundo externo), é necessária a mediação de uma mãe suficientemente boa, capaz de oferecer o mundo externo ao bebê, na medida em que o bebê se torna capaz de contê-lo, ou melhor, para usarmos a terminologia winnicottiana, de criá-lo. O bebê nasce, na concepção winnicottiana, com uma estrutura sólida que é pura potencialidade, uma tendência à integração, mas para que essa tendência se realize é fundamental a presença de um ambiente favorável.[37] Em “Desenvolvimento emocional primitivo” (1945), Winnicott se pergunta em que época começa a ocorrer coisas importantes para a formação do bebê. Embora não descartar a possibilidade que existam fatores importantes desde a concepção do bebê, ele acredita que, de fato, podemos inferir a primeira experiência importante somente a partir do nascimento, considerando as diferenças existentes entre bebês prematuros e bebês pós-maturos. “É ao final dos nove meses de gestação, [que] o bebê se torna maduro para o desenvolvimento emocional”.[38] O desenvolvimento primitivo do bebê, na fase inicial, até os cinco meses, “é vitalmente importante: (...) já se encontra o esclarecimento na psicopatologia da psicose” [39] Inicialmente, o ser humano parte de um estado de não integração (no integration): não conhece o ambiente, não tem noção de tempo e espaço e não tem a noção do eu.[40] Trata-se de uma “capacidade inata que todo ser humano tem de se tornar não-integrado, despersonalizado e desorientado, observa Harvey, em termos, por outro lado, a manipulação do gosto e da opinião, numa verdadeira manipulação do desejo, que aflora nos sonhos e se faz presente nos sintomas, no discurso, através dos mecanismos de recalque, deslocamento e condensação, surge um novo desafio: o paciente que nem mesmo se constituiriam em sua possibilidade de desejar. Com tais pacientes, observa Safrá, é necessário “constituir os aspectos fundamentais do self, que até então ficaram sem realização” [34] E continua: “Mais do que um processo de des-freudamento [sic] das produções do paciente, há uma apresentação do self em gesto e em formas imagéticas (formas sensoriais) [em nota o autor esclarece tratar-se de imagens sonoras, visuais, gustativas, tácteis] sustentadas pela relação transferencial, na qual o indivíduo se constitui e se significa frente ao outro” [35] Como observa Safrá, percebe-se em tais pacientes uma “fome de amor”, de uma experiência do si-mesmo que possibilite o surgir da subjetividade humana. **A emergência do self na perspectiva psicanalítica de Winnicott:** Como veremos a seguir, Winnicott, ao analisar o desenvolvimento primitivo do bebê, considera fundamental o encontro entre o mundo interno do bebê e o mundo externo, mediado pela figura materna, num contexto que ele denomina de ilusão. O fenômeno da ilusão faz com que a criatividade originária do bebê (ou do paciente) coincida com a percepção objetiva, num encontro entre objeto da realidade e objeto subjetivo. Safrá denomina esta experiência como uma situação de qualidade estética, através da qual “o indivíduo cria umas formas imagéticas, sensoriais, que veiculam sensações de agrado, encanto, temor, horror, etc...” [36] Na presença de um outro significativo (figura materna ou analista), essa experiência faz com que o self se constitua, permitindo que a pessoa possa existir no mundo. Para que o eu possa se constituir e se tornar apto ao encontro com o não eu (mundo externo), é necessária a mediação de uma mãe suficientemente boa, capaz de oferecer o mundo externo ao bebê, na medida em que o bebê se torna capaz de contê-lo, ou melhor, para usarmos a terminologia winnicottiana, de criá-lo. O bebê nasce, na concepção winnicottiana, com uma estrutura sólida que é pura potencialidade, uma tendência à integração, mas para que essa tendência se realize é fundamental a presença de um ambiente favorável.[37] Em “Desenvolvimento emocional primitivo” (1945), Winnicott se pergunta em que época começa a ocorrer coisas importantes para a formação do bebê. Embora não descartar a possibilidade que existam fatores importantes desde a concepção do bebê, ele acredita que, de fato, podemos inferir a primeira experiência importante somente a partir do nascimento, considerando as diferenças existentes entre bebês prematuros e bebês pós-maturos. “É ao final dos nove meses de gestação, [que] o bebê se torna maduro para o desenvolvimento emocional”.[38] O desenvolvimento primitivo do bebê, na fase inicial, até os cinco meses, “é vitalmente importante: (...) já se encontra o esclarecimento na psicopatologia da psicose” [39] Inicialmente, o ser humano parte de um estado de não integração (no integration): não conhece o ambiente, não tem noção de tempo e espaço e não tem a noção do eu.[40] Trata-se de uma “capacidade inata que todo ser humano tem de se tornar não-integrado, despersonalizado e desorientado, observa Harvey, em termos, por outro lado, a manipulação do gosto e da opinião, numa verdadeira manipulação do desejo, que aflora nos sonhos e se faz presente nos sintomas, no discurso, através dos mecanismos de recalque, deslocamento e condensação, surge um novo desafio: o paciente que nem mesmo se constituiriam em sua possibilidade de desejar. Com tais pacientes, observa Safrá, é necessário “constituir os aspectos fundamentais do self, que até então ficaram sem realização” [34] E continua: “Mais do que um processo de des-freudamento [sic] das produções do paciente, há uma apresentação do self em gesto e em formas imagéticas (formas sensoriais) [em nota o autor esclarece tratar-se de imagens sonoras, visuais, gustativas, tácteis] sustentadas pela relação transferencial, na qual o indivíduo se constitui e se significa frente ao outro” [35] Como observa Safrá, percebe-se em tais pacientes uma “fome de amor”, de uma experiência do si-mesmo que possibilite o surgir da subjetividade humana. **A emergência do self na perspectiva psicanalítica de Winnicott:** Como veremos a seguir, Winnicott, ao analisar o desenvolvimento primitivo do bebê, considera fundamental o encontro entre o mundo interno do bebê e o mundo externo, mediado pela figura materna, num contexto que ele denomina de ilusão. O fenômeno da ilusão faz com que a criatividade originária do bebê (ou do paciente) coincida com a percepção objetiva, num encontro entre objeto da realidade e objeto subjetivo. Safrá denomina esta experiência como uma situação de qualidade estética, através da qual “o indivíduo cria umas formas imagéticas, sensoriais, que veiculam sensações de agrado, encanto, temor, horror, etc...” [36] Na presença de um outro significativo (figura materna ou analista), essa experiência faz com que o self se constitua, permitindo que a pessoa possa existir no mundo. Para que o eu possa se constituir e se tornar apto ao encontro com o não eu (mundo externo), é necessária a mediação de uma mãe suficientemente boa, capaz de oferecer o mundo externo ao bebê, na medida em que o bebê se torna capaz de contê-lo, ou melhor, para usarmos a terminologia winnicottiana, de criá-lo. O bebê nasce, na concepção winnicottiana, com uma estrutura sólida que é pura potencialidade, uma tendência à integração, mas para que essa tendência se realize é fundamental a presença de um ambiente favorável.[37] Em “Desenvolvimento emocional primitivo” (1945), Winnicott se pergunta em que época começa a ocorrer coisas importantes para a formação do bebê. Embora não descartar a possibilidade que existam fatores importantes desde a concepção do bebê, ele acredita que, de fato, podemos inferir a primeira experiência importante somente a partir do nascimento, considerando as diferenças existentes entre bebês prematuros e bebês pós-maturos. “É ao final dos nove meses de gestação, [que] o bebê se torna maduro para o desenvolvimento emocional”.[38] O desenvolvimento primitivo do bebê, na fase inicial, até os cinco meses, “é vitalmente importante: (...) já se encontra o esclarecimento na psicopatologia da psicose” [39] Inicialmente, o ser humano parte de um estado de não integração (no integration): não conhece o ambiente, não tem noção de tempo e espaço e não tem a noção do eu.[40] Trata-se de uma “capacidade inata que todo ser humano tem de se tornar não-integrado, despersonalizado e desorientado, observa Harvey, em termos, por outro lado, a manipulação do gosto e da opinião, numa verdadeira manipulação do desejo, que aflora nos sonhos e se faz presente nos sintomas, no discurso, através dos mecanismos de recalque, deslocamento e condensação, surge um novo desafio: o paciente que nem mesmo se constituiriam em sua possibilidade de desejar. Com tais pacientes, observa Safrá, é necessário “constituir os aspectos fundamentais do self, que até então ficaram sem realização” [34] E continua: “Mais do que um processo de des-freudamento [sic] das produções do paciente, há uma apresentação do self em gesto e em formas imagéticas (formas sensoriais) [em nota o autor esclarece tratar-se de imagens sonoras, visuais, gustativas, tácteis] sustentadas pela relação transferencial, na qual o indivíduo se constitui e se significa frente ao outro” [35] Como observa Safrá, percebe-se em tais pacientes uma “fome de amor”, de uma experiência do si-mesmo que possibilite o surgir da subjetividade humana. **A emergência do self na perspectiva psicanalítica de Winnicott:** Como veremos a seguir, Winnicott, ao analisar o desenvolvimento primitivo do bebê, considera fundamental o encontro entre o mundo interno do bebê e o mundo externo, mediado pela figura materna, num contexto que ele denomina de ilusão. O fenômeno da ilusão faz com que a criatividade originária do bebê (ou do paciente) coincida com